



Arnaldo Jardim

**O Brasil no centro
da revolução verde:
engenharia, bioeconomia
e o futuro sustentável**

O Brasil no centro da revolução verde: engenharia, bioeconomia e o futuro sustentável

A necessidade global de combater as mudanças climáticas, longe de ser apenas um desafio, apresenta-se como a mais formidável oportunidade para o Brasil reassumir seu protagonismo no cenário internacional. Não um protagonismo baseado em commodities primárias, mas em ciência, tecnologia e inovação aplicadas a um modelo de desenvolvimento genuinamente sustentável. Neste contexto, a indústria verde e a bioeconomia não são meros setores da economia; são o novo paradigma

Como engenheiro civil, sempre entendi que nosso papel vai além da técnica: é entregar à sociedade soluções que harmonizem progresso, bem-estar e respeito aos limites do planeta. Hoje, como presidente da Comissão Especial da Transição Energética da Câmara dos Deputados, vejo com clareza que o caminho para um futuro próspero passa, obrigatoriamente, pela descarbonização de nossas cadeias produtivas e pela valorização inteligente de nossos ativos biológicos.

A descarbonização é um imperativo ético e econômico. O mundo demandará cada vez mais produtos de baixa pegada de carbono. Não se trata apenas de neutralizar emissões, mas de criar valor a partir de processos limpos. O Brasil já é uma potência nesse campo, graças à nossa matriz energética renovável e ao sucesso dos biocombustíveis, como o etanol e o biodiesel, aos quais sempre me dediquei a defender e aprimorar. O RenovaBio, política de Estado que ajudamos a construir, é um exemplo de como podemos incentivar a produção de energia limpa com segurança jurídica e previsibilidade. O próximo salto está no bioquerosene de aviação (SAF) e nos bioprodutos de alto valor agregado.

Essa transição, no entanto, só se consolida com a construção de cadeias produtivas integradas. Da porteira ao mercado externo, precisamos rastrear, certificar e agregar valor, garantindo que a sustentabilidade seja um critério de qualidade e competitividade. A engenharia florestal e agrícola tem aqui um papel crucial. São esses profissionais, os arquitetos do agro sustentável, os responsáveis por desenvolver e aplicar tecnologias de baixo carbono, como a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), a fixação biológica de nitrogênio, o manejo florestal de precisão e a recuperação de pastagens degradadas. Eles são a ponte entre a produtividade necessária para alimentar o mundo e a preservação que garantirá nossa sobrevivência coletiva.

Mas é impossível falar em bioeconomia e sustentabilidade sem colocar a Amazônia no centro da estratégia. A visão da Amazônia como "fronteira tecnológica sustentável" é a única aceitável e possível. Precisamos enxergá-la não como um obstáculo ao desenvolvimento, mas como um

laboratório vivo de soluções para o século XXI. Isso significa investir massivamente em ciência, tecnologia e inovação. Desenvolver fármacos, cosméticos, bioinsumos, fibras especiais e alimentos únicos a partir do conhecimento tradicional associado à biotecnologia de ponta. A bioeconomia de floresta em pé gera emprego, renda de qualidade e mantém os serviços ecossistêmicos essenciais para o equilíbrio climático do planeta.

Para que essa visão se torne realidade, o papel do engenheiro – em todas as suas especialidades – é fundamental. Precisamos de engenheiros criando novos materiais a partir de resíduos, projetando biorrefinarias eficientes, desenvolvendo logística reversa inteligente, implementando smart grids para energias renováveis e construindo infraestruturas resilientes e adaptadas às mudanças climáticas.

Na Comissão da Transição Energética, trabalhamos para construir o marco regulatório que incentive esse salto. Debater o hidrogênio verde, a expansão das fontes renováveis não intermitentes, a modernização do setor sucroenergético e a regulamentação do mercado de carbono são partes desse esforço. Além disso, a criação de um mercado regulado de carbono pode ser um poderoso instrumento para financiar a economia verde, atraindo investimentos para projetos de conservação e tecnologias limpas.

O Brasil possui a terra, o sol, a água, a biodiversidade e o talento humano. Temos a maior profissão regulamentada das Américas: a engenharia. Unir esses fatores em um projeto nacional de desenvolvimento sustentável é nossa missão. A Federação Nacional dos Engenheiros, ao congrega estes profissionais, tem a responsabilidade e a honra de liderar este movimento.

Como engenheiro, e parlamentar, sigo comprometido em trabalhar para que o Brasil não apenas acompanhe, mas lidere a revolução verde global. O futuro não é apenas verde; é bio, é tecnológico e será, inevitavelmente, “engenheirado”.

Arnaldo Jardim


Engenheiro civil, deputado federal e presidente da Comissão da Transição Energética da Câmara dos Deputados




SDS Bloco D – Ed. Eldorado – Salas 106/109, SN – Asa Sul

CEP: 70392-901 – Brasília/DF – Telefones: (61) 3225-2288 e (61) 99986-0847

www.fne.org.br

 /FNEngenheiros

 /FNESind

 /fnengenheiros